

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

Sao Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 [www.editora34.com.br](http://www.editora34.com.br)

Copyright © Editora 34 Ltda., 2013

Apresentação © Bruno Barretto Gomide, 2013

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA  
APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

*Bracher & Malta Produção Gráfica / Mariana Leme*

Revisão:

*Cide Piquet, Lucas Simone, Cecília Rosas,*

*Camila Boldrini, Nina Schipper*

1ª Edição - 2013

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte  
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Gomide, Bruno Barretto, 1972  
G. 24n Antologia do pensamento crítico russo  
(1802-1901) / organização, apresentação e notas de  
Bruno Barretto Gomide; tradução de Cecília Rosas  
e outros — São Paulo: Editora 34, 2013 (1ª Edição).  
608 p. (Coleção LESTE)

ISBN 978-85-7326-544-6

I. Ensaio russo. 2. História da literatura  
russa — século XIX. I. Título. II. Série.

CDD 891.74

## Aleksandr Herzen

Aleksandr Ivánovitch Herzen (1812-1870) também é, e em sentido literal, um dos “filhos de 1812” a que Lotman se referia quando falava dos nobres marcados por preocupações histórico-sociais intensificadas pela campanha napoleônica. Aleksandr Herzen (ou Guértsen, em uma transliteração mais exata), filho ilegítimo de um nobre russo que mais tarde o legitimou, nasce em Moscou precisamente naquele ano, pouco antes da chegada do exército francês. Como outros autores presentes nesta antologia, estudou na Universidade de Moscou, mas “formou-se” de modo mais rematado nos vários círculos de discussões filosóficas da época. Exilou-se em 1847 e nunca mais voltou à Rússia, convertendo-se em uma voz altissonante e em paradigma de emigrado político russo. Passou primeiro por Paris e Genebra, até estabelecer-se em Londres; em 1864, começou a fazer o caminho inverso — da cidade suíça a Paris, onde morreu e foi enterrado. Na Inglaterra, publicou revistas importantes para a discussão do socialismo e de outros temas políticos, em especial *Poliárnaia Zvezdá* [A Estrela Polar] e *Kólokol* [O Sino], cujos títulos ecoavam imagens fortes da tradição radical russa, em especial a de inspiração dezembrista. Os textos publicados na emigração, muito conhecidos na Europa e mesmo na Rússia, apesar das restrições impostas pela censura, contribuíram para criar e difundir uma imagem do Império Russo fortemente associada ao despotismo político e ao obscurantismo social, uma Rússia controlada rigidamente pelo gendarme da Europa, Nicolau I. Essa apresentação de uma nação agrilhoadada, porém ao mesmo tempo afeita à repressão, marcou profundamente a opinião pública europeia na segunda metade do século XIX (ousaríamos dizer: até hoje?), casando-se bem com visões orientalistas, muito em voga, sobre o “asiatismo” russo. Mas Herzen não foi somente o autor de ensaios políticos: também escreveu obras literárias de gabarito, como o romance *Quem é o culpado?* (1847) e alguns ótimos contos, que podem ser lidos com proveito ao lado de outras narrativas do mesmo período. Escreveu, sobretudo, as estupendas memórias em vários volumes, *Passado e pensamentos*, um dos grandes textos russos do século XIX. O presente ensaio, publicado no exterior em 1851, inicialmente em francês e alemão, fornece uma versão basilar de um tipo de narrativa da história literária russa pelo prisma da esquerda que depois ecoará em inúmeros ensaios, manuais e artigos, desde meados do XIX até o pe-

ríodo soviético. É um texto útil também para iluminar os meandros e disputas relativos à profissionalização do mercado livreiro russo nas décadas de 1830 e 1840, nas quais aparecem os nomes controversos de Senkóvski, Grietch, Bulgárin e outros, pouco conhecidos do leitor brasileiro.

## Literatura e pensamento social depois do 14 de dezembro de 1825<sup>1</sup>

É mais difícil caracterizar os vinte e cinco anos que se seguiram ao 14 de dezembro do que todo o período decorrido desde a época de Pedro, o Grande. Duas correntes opostas — uma superficial e a outra profunda, que mal se pode divisar —, levam o observador à confusão. Na aparência, a Rússia continuava no mesmo lugar ou até parecia ter retrocedido, mas, na essência, tudo tomara um aspecto novo e as questões haviam se tornado mais complexas; as soluções, menos simples.

Na superfície da Rússia oficial, na “fachada do império”, viam-se apenas perdas, uma reação brutal, perseguições desumanas e o acirramento do despotismo. Rodeado por mediocridades, soldados de paradas, alemães do Báltico e conservadores abrutalhados, estava Nicolau, desconfiado, frio, inflexível, impiedoso, privado de grandeza de alma — a mesma mediocridade daqueles que o cercavam. Logo abaixo dele, via-se a alta sociedade, que, diante da primeira pancada do trovão que retumbou sobre sua cabeça após o 14 de dezembro, perdera as noções, fracamente assimiladas, de honra e mérito. No reinado de Nicolau, a aristocracia russa não voltaria mais ao estado anterior: a época de sua florescência passara; tudo o que havia nela de nobre e magnânimo esgotava-se nas minas ou na Sibéria. Os que permaneciam nas acomodações do potentado ou se serviam delas decaíam até aquele grau de degradação ou servilismo que conhecemos pelo quadro de costumes descrito por Custine.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> No calendário juliano (26 de dezembro pelo calendário gregoriano). Ao longo do texto, a data refere-se sempre ao juliano. (N. da T.)

<sup>2</sup> Trata-se do livro de Astolphe-Louis-Léonor, marquês de Custine (1790-1857), *La Russie en 1839*, cuja segunda edição (v. I-IV, Paris, 1843) foi proibida na Rússia. Apesar disso, a obra (ver a tradução russa *Nikoláievskaja Rossíia*, Moscou, 1930) teve enorme ressonância na sociedade letrada do país. Ver M. Cadot, *L'image de la Russie dans la vie intellectuelle française (1839-1856)*, Paris, 1967, pp. 223-64. (N. da E.)

A esses se seguiram os oficiais da guarda; antes brilhantes e educados, foram se transformando cada vez mais em sargentos embrutecidos. Até 1825, todos os que usavam trajes civis reconheciam a superioridade das dragonas. Para adquirir a reputação de *pessoa da alta roda*, era preciso servir dois anos na guarda ou pelo menos na cavalaria. Os oficiais eram a alma da sociedade, os heróis das festividades, dos bailes e, sinceramente, essa preferência por eles tinha seus fundamentos. Os militares eram mais independentes e comportavam-se com mais dignidade do que os funcionários públicos, medrosos e rastejantes. Mas as circunstâncias mudaram, e a guarda passou a compartilhar o destino da aristocracia; os melhores oficiais foram desterrados, muitos deixaram o serviço por não suportarem o tom grosseiro e descarado introduzido por Nicolau. Gradualmente, os postos vagos foram preenchidos por serviçais zelosos ou pilares da caserna e do picadeiro. Os oficiais decaíam aos olhos da sociedade, o fraque triunfou — a farda predominava apenas em cidadezinhas da província e, ainda assim, em suas cortes —, nesse primeiro calabouço do império. Os membros da família imperial, assim como o seu chefe, demonstravam pelos militares acentuada preferência, inadmissível entre os figurões do tsar. A frieza do público ao uniforme, entretanto, não chegou a ponto de permitir funcionários civis na alta sociedade. Inclusive na província, experimentavam em relação a eles uma repulsa irreprimível, que, porém, não impedia de modo algum o aumento da influência da burocracia. Depois de 1825, toda a administração, antes aristocrática e iletrada, tornou-se mesquinha e hábil na arte da rabularia. Os ministérios transformaram-se em escritórios, os seus chefes e altos funcionários converteram-se em homens de negociatas ou escritvães. No serviço civil, eles desempenham o seu papel como os serviçais brancos da guarda. Grandes conhecedores de todas as formalidades possíveis, cumpridores frios e imponderados das ordens superiores, seguiam fiéis ao governo por amor à concussão. Nicolau precisava justamente desses oficiais e desses administradores.

As casernas e as chancelarias transformaram-se no principal sustentáculo da ciência política de Nicolau. Uma disciplina cega e privada de sentido razoável, combinada ao formalismo desalmado dos funcionários do sistema fiscal austríaco<sup>3</sup> — eram essas as molas do famoso mecanismo

---

<sup>3</sup> Nicolau I admirava os sistemas políticos da Prússia e do Império Austro-Húngaro e considerava-os modelos de disciplina administrativa e de modernização autoritária,

do poder russo baseado na força. Que escassez de pensamento governamental, que prosa do absolutismo, que lamentável mesquinhez! A forma mais simples e grosseira de despotismo.

Acrescentemos a isso o conde Benkendorf,<sup>4</sup> chefe do corpo dos gendarmes — essa inquisição armada, essa maçonaria policial que, em todos os cantos do império, de Riga a Nertchinsk, tem os seus irmãos *servidores e subservidores* —, chefe da III Seção da Chancelaria de Sua Majestade (como foi denominado o serviço central de espionagem), que julga tudo, revoga decisões de juízes, intromete-se em tudo, principalmente nos casos de criminosos políticos. De tempos em tempos, a civilização colocava-se diante desse escritório de farsas judiciais na pessoa de algum literato ou estudante, que então era degredado ou trancafiado em uma fortaleza e em cujo lugar logo surgia outro.

Em resumo, o quadro da Rússia oficial incutia apenas desespero: aqui a Polônia, que se dispersara em todas as direções e estava sendo dilacerada com monstruosa tenacidade; ali, a insensatez de uma guerra que se prolongava desde o início do reinado e tragava exércitos inteiros, sem avançar nenhum passo na conquista do Cáucaso; e, no centro, o aviltamento e a mediocridade generalizada do governo.

Por outro lado, no interior do Estado, realizava-se um grande trabalho, um trabalho surdo e silencioso, mas ativo e ininterrupto; por toda parte, crescia a insatisfação; nesses 25 anos, as ideias revolucionárias disseminaram-se mais amplamente do que em todo o século precedente, mas, apesar disso, não chegavam ao povo.

O povo russo permanecia distante da vida política, e não havia nele as bases para tomar parte no trabalho realizado em outras camadas da nação. Sofrimentos prolongados impõem uma sensação singular de merecimento; o povo russo havia sofrido demais e, por isso, não tinha o direito de se inquietar para conseguir alguma melhoria insignificante no próprio destino; melhor simplesmente permanecer miserável em andrajos do que passar a usar um fraque cerzido. Mas, se ele não tomava parte no movimento das ideias, que arrebatara outras classes, isso não significa de modo algum que nada estivesse acontecendo em sua alma. O povo russo

---

em meio a uma Europa cada vez mais varrida pela “pestilência” revolucionária francesa. (N. da T.)

<sup>4</sup> Aleksandr Khristofórovitch Benkendorf (1782-1844), general russo que comandou a repressão política no governo de Nicolau I. (N. da T.)

sente mais dificuldade para respirar do que antes, parece mais pesaroso; a injustiça do regime da servidão e a pilhagem promovida pelos funcionários públicos tornam-se ainda mais insuportáveis. O governo destruiu a tranquilidade da *obschina* com a organização compulsória do trabalho; no campo, com o departamento da polícia rural (*os comissários*), o lazer do camponês foi cerceado e colocado sob vigilância dentro da própria isbá. Aumentou significativamente o número de processos contra incendiários, a frequência de assassinatos de proprietários de terras, as revoltas camponesas. A enorme população cismática rezinga; explorada e oprimida pelo clero e pela polícia, ainda está muito longe de se unir coesamente, mas, às vezes, nesses mares mortos e inacessíveis para nós, ouve-se um ronco confuso, anunciador de terríveis tormentas. A insatisfação do povo russo, da qual falamos, não pode ser capturada pelo olhar superficial. A Rússia sempre parece tão tranquila que é difícil acreditar que nela possa acontecer alguma coisa. Poucos sabem o que está ocorrendo sob a mortalha com que o governo encobre cadáveres, manchas de sangue e execuções, anunciando, hipócrita e desdenhosamente, que ali não há nem cadáveres, nem sangue. O que sabemos sobre os incendiários de Simbírski, sobre o massacre dos proprietários de terra organizado por camponeses em uma série de propriedades simultaneamente? O que sabemos sobre as revoltas localizadas, que irromperam em função da nova administração introduzida por Kisseliiov?<sup>5</sup> O que sabemos sobre os levantes de Kazan, de Viatka, de Tambov, nos quais as autoridades recorreram aos canhões?

O trabalho intelectual mencionado realizou-se não na cúpula do Estado, nem em suas bases, mas entre elas, ou seja, principalmente no seio da pequena e média nobreza. Pode parecer que os fatos apresentados aqui não têm grande importância; entretanto, convém não esquecer que a propaganda, assim como qualquer atividade educativa, está privada de brilho, principalmente quando nem ousa se mostrar à luz do dia.

A influência da literatura intensifica-se notavelmente e avança cada vez mais; a literatura não modifica a própria vocação e conserva um caráter liberal e ilustrador, na medida permitida pela censura.

A sede de educação domina toda a nova geração; academias, liceus, ginásios e escolas civis ou militares estão repletos de estudantes; os filhos

---

<sup>5</sup> As reformas na administração dos camponeses em regime de servidão ao Estado, implementadas por Pável Dmítrievitch Kisseliiov (1788-1872) no período de 1837 a 1841, reforçaram a sua tutela burocrática. (N. da E.)

das famílias mais pobres esforçam-se para entrar nos diversos institutos. O governo, que ainda em 1804 atraía as crianças para as escolas com variados privilégios, agora detém a sua afluência com todos os recursos disponíveis; criam-se dificuldades para o ingresso através de exames; os alunos são cercados de pagamentos obrigatórios; o ministro da Instrução Popular emite uma ordem para limitar o direito dos camponeses à educação.<sup>6</sup> Apesar disso, a Universidade de Moscou transforma-se em templo da civilização russa; o imperador a odeia, irrita-se com ela, todos os anos manda para o degredo uma boa parte de seus discentes e, quando chega a Moscou, não lhe dá a honra de uma visita; mas a universidade floresce, sua influência aumenta; tida em má conta, ela não espera nada, continua o seu trabalho e transforma-se em uma verdadeira força. A flor da juventude das províncias vizinhas a Moscou dirige-se à universidade, e a cada ano a falange daqueles que concluem o curso superior espalha-se por todo o governo na qualidade de funcionários públicos, médicos ou professores.

No interior das províncias, e muito mais em Moscou, aumenta visivelmente a classe de pessoas independentes, que, recusando-se a servir o governo, administra suas próprias propriedades e ocupa-se das ciências e da literatura; se pedem algo ao governo é apenas que as deixe em paz. Essa camada era o exato oposto da nobreza de Petersburgo, ligada ao serviço governamental e à corte e consumida por uma ambição vil: confiando no governo para tudo, ela vivia apenas de seus favores. Não suplicar nada, preservar a própria independência, não buscar posições: tudo isso, num regime despótico, chama-se fazer oposição. O governo via com desaprovação *aqueles desocupados* e manifestava sua insatisfação com eles. Realmente, eles representam o núcleo das pessoas educadas, que se relacionam mal com o regime petersburguense. Alguns deles, depois de vários anos no exterior, traziam de lá ideias liberais; outros, depois de alguns meses em Moscou, passavam o resto do ano trancafiados em suas

---

<sup>6</sup> Pelo estatuto de 1804, o acesso às universidades era aberto a pessoas de todas as classes; o estatuto subsequente, de 1835, embora colocasse como tarefa tornar “as universidades acessíveis basicamente aos filhos dos nobres”, não estabelecia uma proibição direta ao ingresso de indivíduos de outras classes, “exceto aos filhos de camponeses”. P. A. Zaiontchkóvski, *Pravítelstvenni apparat samoderjávnoi Rossii v XIX v.* [O aparato governamental da Rússia absolutista no século XIX], Moscou, 1978, p. 25. (N. da E.)

propriedades, onde liam tudo o que saía de novo, e familiarizavam-se com o movimento intelectual da Europa. Entre a nobreza provinciana, virou moda ler. As pessoas gabavam-se quando tinham uma biblioteca e assinavam, no pior dos casos, novos romances franceses, o *Journal des Débats*<sup>7</sup> e o *Jornal de Augsbourg*; ter em casa livros proibidos era considerado de bom-tom. Não conheço nenhuma casa decente onde não se pudesse encontrar a obra de Custine sobre a Rússia, proibida por ordem especial de Nicolau. A juventude, privada da participação em qualquer tipo de atividade, sob a eterna ameaça da polícia secreta, mergulhava na leitura ainda com mais ardor. A soma das ideias em circulação crescia cada vez mais.

Quais eram os novos pensamentos e tendências surgidos após o 14 de dezembro? (Não é sem receio que inicio essa parte da minha exposição. O leitor compreenderá que não tenho condições de dizer tudo e, em muitos casos, nem de citar nomes; para falar de algum russo, é preciso ter a certeza de que ele está no túmulo ou na Sibéria. Somente depois de pensar bem, decidi-me a fazer esta publicação; o silêncio serve de sustentação ao despotismo; aquilo que não nos atrevemos a dizer *existe* apenas pela metade.)

Foram terríveis os primeiros anos que se seguiram a 1825. Foi necessário não menos de uma década para que o indivíduo conseguisse se recobrar em sua penosa posição de escravizado e acochado. Profundo desespero e desalento geral tomaram conta das pessoas. A alta sociedade, com vil e desprezível afinco, apressou-se a renunciar a todos os sentimentos humanos, a todos os pensamentos humanitários. Não havia praticamente nenhuma família aristocrática que não tivesse algum parente próximo entre os degredados, mas quase nenhuma delas se atrevia a usar luto ou a expressar a sua dor. E quando se desviaram desse pesaroso espetáculo de servilismo, quando mergulharam em reflexões para encontrar alguma orientação ou esperança, depararam-se com uma ideia terrível, de gelar o coração.

Já não era possível nenhuma ilusão: o povo havia se transformado em espectador passivo do 14 de dezembro. Todas as pessoas conscientes viram as temíveis consequências da completa ruptura entre a Rússia nacional e a Rússia europeizada. Toda ligação viva entre esses dois campos

---

<sup>7</sup> Jornal francês conservador, publicado de 1789 a 1944. (N. da T.)

fora rompida; era preciso restaurar o vínculo, mas de que modo? Essa era justamente a grande questão. Alguns acreditavam que, deixando a Rússia a reboque da Europa, não seria possível fazer nada; esses depositavam suas esperanças não no futuro, mas na volta ao passado. Outros viam no futuro só infelicidade e devastação; amaldiçoavam a civilização monstruosa e o povo indiferente a tudo. Uma tristeza profunda dominava a alma de todas as pessoas de ideias.

Somente a canção de Púchkin, ampla e sonora, soava pelos vales da escravidão e dos tormentos; essa canção prolongava a época passada, preenchia o presente com seus sons vigorosos e transmitia sua voz ao futuro distante. A poesia de Púchkin era garantia e consolo. Os poetas que vivem em épocas de desesperança e de queda não compõem canções assim, elas não combinam nem um pouco com funerais.

Mas a inspiração de Púchkin não o enganou. O sangue que aflui impetuosamente ao coração tomado de pavor não podia ficar ali parado; ele logo se manifestou no exterior.

Surgiu um publicista que elevou corajosamente a própria voz para reunir os amedrontados. Esse homem, tendo passado toda a juventude na pátria, na Sibéria, trabalhando no comércio, entediou-se logo com isso e apaixonou-se pela leitura. Sem nenhum tipo de educação formal, estudou francês e alemão por conta própria e veio morar em Moscou. Aqui, sem colaboradores, sem relações importantes, sem tradição na literatura, decidiu publicar uma revista mensal. Em pouco tempo, maravilhou os leitores com a variedade enciclopédica de seus artigos. Escrevia com primor sobre jurisprudência e música, medicina e língua sânscrita. Uma de suas especialidades era a história russa, mas isso não o impediu de escrever contos, romances e, no final, artigos de crítica, com os quais logo adquiriu grande fama.

É inútil buscar nos escritos de Polevoi grande erudição e profundidade filosófica, mas ele conseguia destacar o aspecto humanístico de qualquer questão e tinha inclinações liberais. A sua revista, *Moskóvski Telegraf* [O Telégrafo de Moscou], teve grande influência; devemos reconhecer ainda mais o seu mérito por ter sido publicada em tempos de trevas. O que se podia escrever um dia depois do levante, na véspera das execuções? A posição de Polevoi era muito difícil. O que o salvou de perseguições foi o fato de ainda ser um nome desconhecido. Naquela época, escrevia-se pouco: metade dos literatos estava no degredo, a outra metade mantinha silêncio. Uma pequena chusma de renegados, espécie de gêmeos

siameses de Grietch<sup>8</sup> e Bulgárin,<sup>9</sup> vinculara-se ao governo, reparando a participação no 14 de dezembro com delações de amigos e com a *eliminação* do mestre tipógrafo que, por ordem deles, havia composto proclamações revolucionárias na tipografia de Grietch.<sup>10</sup> Sozinhos, reinavam no jornalismo petersburguense da época, só que no papel de policiais e não de literatos. Polevoi conseguiu se manter na contramão da reação até 1834, sem mudar o seu estilo; não devemos nos esquecer disso.

Polevoi começou a democratizar a literatura russa; ele a obrigou a descer das alturas aristocráticas e tornou-a mais popular ou, pelo menos, mais burguesa. Ele atacava seus maiores inimigos, as autoridades literárias, com impiedosa ironia. E estava inteiramente certo em pensar que arrasar qualquer autoridade é um ato revolucionário, e que aquele capaz de se libertar do jugo dos grandes nomes e das autoridades escolásticas já não pode ser um completo escravo nem da religião, nem da sociedade. Antes de Polevoi, os críticos às vezes se atreviam, ainda que não sem grande quantidade de reticências e desculpas, a fazer repreensões insignificantes, endereçadas a Derjávin, Karamzin ou Dmítriev, reconhecendo, entretanto, a indiscutível grandeza de todos eles. Mas Polevoi já desde o primeiro dia se colocou em pé de igualdade com eles, começou a apresentar acusações contra esses grandes mestres, esses figurões dogmáticos, que se davam ares de grande importância. O velho Dmítriev, poeta e ex-ministro da Justiça, falava com tristeza e horror da anarquia literária introduzida por Polevoi, que, segundo ele, estava privado do sentimento de respeito pelas pessoas cujos méritos são reconhecidos por todo o país.

Polevoi atacava não apenas as autoridades literárias, mas também os cientistas; esse pequeno comerciante siberiano, que nunca frequentara

---

<sup>8</sup> Nikolai Ivánovitch Grietch (1787-1867), editor, jornalista, filólogo e tradutor. Inicialmente próximo dos dezembristas, no começo de 1825 mudou de posição. Participou da elaboração do regulamento da censura em 1828. (N. da T.)

<sup>9</sup> Faddiei Venedíktovitch Bulgárin (1789-1859), escritor, jornalista, crítico literário e editor. A partir de 1824, abandonou as fileiras dos liberais e passou a apoiar os reacionários. Após a derrota dos dezembristas, colaborou com a III Seção. (N. da T.)

<sup>10</sup> Na tipografia de Nikolai Ivánovitch Grietch, imprimiam-se ilegalmente documentos da maçonaria; já as obras de propaganda política dos dezembristas eram distribuídas apenas em cópias manuscritas. E. Friedrich, tipógrafo-chefe da oficina de Grietch, foi morto em 1821; não há informações sobre a ligação de Grietch e Bulgárin com a sua morte. (N. da E.)

a escola, ousava duvidar da ciência. Os cientistas *ex officio* uniram-se aos literatos eméritos e grisalhos para iniciar uma guerra formal contra o jornalista rebelde.

Conhecendo o gosto do público, Polevoi destruía os inimigos com artigos cáusticos. A objeções científicas, ele respondia com piadas; a divagações entediantes, com intrepidez, despertando sonoras gargalhadas. É até difícil imaginar a curiosidade com que o público acompanhava o correr dessa polêmica. O público parecia compreender que, ao atacar as autoridades literárias, Polevoi tinha em vista outros alvos. Na verdade, ele aproveitava todas as oportunidades de tocar nas mais delicadas questões da política e fazia isso com admirável habilidade. Falava praticamente de tudo, mas de um modo que não dava motivo para chateações. É preciso dizer que a censura possibilita um extraordinário desenvolvimento do estilo e da arte de refrear o próprio discurso. Exasperada por obstáculos ultrajantes, a pessoa tem vontade de superá-los e quase sempre consegue fazer isso. O discurso alegórico conserva rastros de inquietação, de luta; nele há mais paixão do que numa narração simples. A alusão fica mais forte sob seu véu, que sempre é transparente para quem quer compreender. O discurso sucinto é mais rico de sentidos, mais agudo; falar de modo que o pensamento esteja claro, mas que as palavras sejam encontradas pelo próprio leitor, é o melhor meio de convencer alguém. O sentido oculto intensifica a força do discurso; o sentido desnudo refreia a imaginação. Quando sabe que o escritor tem de ser cuidadoso, o leitor o lê com mais atenção; entre ele e o autor se estabelece uma ligação secreta: um oculta aquilo que escreve; o outro, aquilo que entende. A censura é como uma teia: captura pequenos insetos, mas os grandes conseguem rompê-la. Alusões a pessoas e acusações morrem sob *tintas vermelhas*, mas as ideias vivas e a poesia autêntica passam com desdém por essa antessala, permitindo, no máximo, uma leve escovada. (Após a revolução de 1848, a censura tornou-se uma mania de Nicolau. Não satisfeito com a censura habitual e com duas censuras que ele instituíra além dos limites de seus domínios, em Iasi e Bucareste, onde não se escreve em russo, Nicolau criou ainda uma segunda censura em Petersburgo;<sup>11</sup> somos inclinados a pensar que essa censura dupla será mais útil

---

<sup>11</sup> Nada se sabe sobre a instituição da censura russa em Iasi e Bucareste; em Petersburgo, em 27 de fevereiro [10 de março] de 1848, foi organizada uma comissão presidida por Aleksandr Serguêievitch Miénchikov; a partir de 2 [14] de abril de 1848, passou

do que a simples. Chegará até o ponto em que os livros russos serão impressos fora da Rússia, como já se faz; e como saber quem será mais astuto: a palavra livre ou o imperador Nicolau?)

Com o *Telegraf* [O Telégrafo], as revistas começam a dominar o cenário da literatura russa. Elas reúnem todo o movimento intelectual do país. Compravam-se poucos livros, os melhores poemas e contos apareciam nas revistas, e era preciso algo saído das fileiras de lá — um poema de Púchkin ou um romance de Gógol — para chamar a atenção de um público tão disperso quanto os leitores da Rússia. Em nenhum outro país, com exceção da Inglaterra, a influência das revistas foi tão grande. Elas são realmente o melhor meio de disseminação da ilustração em um país de dimensões amplas. *Telegraf* [O Telégrafo], *Moskóvski Viéstnik* [O Mensageiro de Moscou], *Teleskop* [O Telescópio], *Bibliotieka dliá Tchtiénia* [Biblioteca para a Leitura], *Otiétchestvennie Zapíski* [Anais da Pátria] e seu filho bastardo, *Sovremiênnik* [O Contemporâneo], independentemente de suas orientações extremamente diversas, disseminaram, nos últimos vinte anos, enorme quantidade de conhecimentos, concepções e ideias. Deram aos habitantes de Omsk e Tobolsk a chance de ler romances de Dickens ou George Sand dois meses após a sua publicação em Londres ou Paris. Até a sua periodicidade foi favorável, despertando o leitor preguiçoso.

Polevoi encontrou um jeito de publicar o *Telegraf* [O Telégrafo] até 1834. No entanto, após a revolução polonesa, a perseguição ao pensamento de vanguarda intensificou-se. O absolutismo vitorioso perdeu toda a vergonha e qualquer tipo de discrição. Puniam travessuras de escolares como se fossem levantes armados, degredavam crianças de quinze e dezesseis anos de idade ou alistavam-nas como soldados por toda a vida. Polejáiev, estudante da Universidade de Moscou, famoso por suas obras poéticas, escreveu alguns versos liberais. Nicolau não o mandou a julgamento, ordenou que o levassem a sua presença e exigiu que ele lesse os versos em voz alta. Depois o beijou e mandou para o exército como soldado raso; essa ideia de castigo tão disparatada só podia brotar em uma mente que perdera o bom senso governamental, que considerava o exército russo uma instituição correcional ou um campo de trabalhos forçados. Oito anos mais tarde, o soldado Polejáiev morreu no hospital

---

a funcionar um comitê, presidido por Dmitri Petróvitch Buturlin, para fiscalização das publicações e das instituições responsáveis por seu controle. (N. da E.)

militar.<sup>12</sup> Um ano depois, os irmãos Krítski, também estudantes em Moscou, foram mandados para a prisão por terem, se não me engano, quebrado um busto do imperador.<sup>13</sup> Desde aquela época, ninguém mais ouviu falar deles. Em 1832, sob o pretexto de envolvimento numa sociedade secreta, prenderam uma dúzia de estudantes e imediatamente os encaminharam para a guarnição de Orenburg,<sup>14</sup> para onde levaram também o filho de um pastor luterano, Iuli Kolreif, que nunca fora súdito russo e nunca se ocupara de outra coisa, a não ser de música, mas se atrevera a dizer que não considerava dever seu delatar os amigos. Em 1834, também nós, meus amigos e eu, fomos jogados na prisão e, passados oito meses, degredados como escrivães para a chancelaria de províncias distantes. Acusaram-nos de planejar criar uma sociedade secreta e de querer divulgar as ideias do conde de Saint-Simon;<sup>15</sup> numa brincadeira de mau gosto, leram-nos a sentença de morte, depois informaram que o imperador, por um ato de bondade verdadeiramente imperdoável, ordenara nos submeter a um castigo apenas corretivo: o degredo. Esse castigo durou mais de cinco anos.

Naquele mesmo 1834, o *Telegraf* [O Telégrafo] foi proibido. Sem a revista, Polevoi perdeu o norte. Suas experiências literárias não tiveram mais êxito; irritado e desencantado, ele deixou Moscou e instalou-se em Petersburgo. Os primeiros números de sua nova revista, *Sin Otiétchestva* [O Filho da Pátria], foram recebidos com amarga surpresa. Ele se deixou subjugar, tornou-se um bajulador. Era triste ver que aquele guerreiro corajoso, aquele trabalhador incansável, capaz de permanecer firme em seu posto nos tempos mais difíceis, assim que fecharam sua revista firmou um acordo amigável com seus inimigos. Era triste ouvir o nome de Polevoi junto com os de Grietch e Bulgárin; era triste comparecer às apresentações de suas obras dramáticas, que despertavam aplausos de agentes secretos e funcionários lacaios.

---

<sup>12</sup> A. I. Polejáiev morreu em 1838. (N. da E.)

<sup>13</sup> O processo dos irmãos Krítski é de 1831. (N. da E.)

<sup>14</sup> O mais provável é que se trate do processo dos estudantes da Universidade de Moscou acusados em 1831 de não terem informado que N. P. Sungurov planejava fundar uma sociedade secreta. (N. da E.)

<sup>15</sup> Claude Henri de Rouvroy, conde de Saint-Simon (1760-1825), pensador do socialismo utópico francês. (N. da T.)

Polevoi sentia a vida naufragar; isso o fazia sofrer, e ele perdeu o ânimo. Até queria se corrigir, queria sair daquela posição falsa, mas não tinha forças, e apenas se prejudicava aos olhos do governo, sem nenhum ganho aos olhos da sociedade. Mais nobre em sua natureza do que no comportamento, ele não podia suportar essa luta por muito tempo. Em breve morreria, deixando os negócios em completa desordem. As concessões que fizera não o levaram a nada.

Houve dois seguidores de Polevoi: Senkóvski<sup>16</sup> e Bielínski.

Polonês russificado, orientalista e acadêmico, Senkóvski era um escritor muito perspicaz, um grande trabalhador, mas um sujeito sem princípios, isso se não considerarmos como princípios um profundo desprezo por pessoas e acontecimentos, por convicções e teorias. Em Senkóvski, aquela disposição espiritual adotada pela sociedade a partir de 1825 encontrou o seu verdadeiro representante — um verniz brilhante, mas frio, um sorriso que não raro escondia uma mordida de remorso, uma avidez por prazeres intensificada pela falta de confiança no próprio destino, um materialismo zombeteiro mas tristonho e piadas artificiais como as de um homem que se encontra atrás das grades.

Bielínski era o exato oposto de Senkóvski: um típico representante da juventude estudantil de Moscou, mártir das próprias dúvidas e reflexões, entusiasta, poeta em dialética; ultrajado por tudo o que o cercava, esgotava-se em inquietações. Esse homem palpitava de indignação e tremia de raiva diante do eterno espetáculo do absolutismo russo.

Senkóvski fundou uma revista como quem abre uma casa de comércio.<sup>17</sup> Mas nós não compartilhamos da opinião daqueles que viam na revista uma tendência governamental. Ela era lida com avidez em toda a Rússia, o que nunca aconteceria com uma revista ou livro escrito em defesa dos interesses do poder. A *Siévernaia Ptchelá* [A Abelha do Norte], sob os auspícios da polícia, era apenas uma exceção aparente à regra: era a *única* folha política, mas não oficial, que suportavam, e é desse modo que se explica o seu sucesso; mas, assim que os jornais oficiais adquiriram uma redação aceitável, a *Siévernaia Ptchelá* [A Abelha do Norte] foi abandonada por seus leitores. Não há glória, não há reputação que re-

---

<sup>16</sup> Óssip-Iulian Ivánovitch Senkóvski (1800-1858), escritor russo. (N. da T.)

<sup>17</sup> Trata-se da revista *Bibliotieka dliá Tchtiénia* [Biblioteca para a Leitura], sob redação de O. I. Senkóvski, lançada em 1834 e editada por Aleksandr Filíppovitch Smírdin. (N. da E.)

sista ao contato mortal e humilhante com o governo. Na Rússia, todos aqueles que leem odeiam o poder; todos os que o amam não leem nada ou leem apenas besteiras francesas. A Púchkin — grande glória da Rússia — certa vez voltaram as costas por causa de uma saudação dirigida a Nicolau após o controle do cólera e de dois poemas políticos.<sup>18</sup> Gógol, ídolo dos leitores russos, num instante despertou o mais profundo desprezo por causa de uma brochura servil.<sup>19</sup> A estrela de Polevoi apagou-se no dia em que ele selou sua união com o governo. Na Rússia, não perdoam os renegados.

Senkóvski falava com desprezo do liberalismo e da ciência, mas também não tinha respeito por mais nada. Ele se imaginava um homem prático no mais alto grau, pois pregava o materialismo teórico, mas, como qualquer teórico, foi ultrapassado por outros teóricos, que pensavam de modo ainda mais abstrato, mas tinham convicções ardentes — e isso é incomparavelmente mais prático e próximo da ação do que a *praticologia*.

Ridicularizando tudo o que é mais sagrado para o ser humano, Senkóvski automaticamente destruiu nas mentes a ideia da monarquia. Apregoando o conforto e as satisfações sensoriais, levou as pessoas à noção extremamente simples de que não é possível se deleitar com a vida pensando o tempo todo em gendarmes, em delações e na Sibéria, de que o medo não é confortável e não há ser humano que possa almoçar com apetite quando não sabe onde vai dormir.

Senkóvski pertencia inteiramente a sua época; varrendo a entrada de um novo tempo, ele removeu com a vassoura tanto a poeira quanto coisas valiosas, mas desobstruiu o solo para outra época, que ele mesmo não compreendia. E ele próprio sentia isso; assim que algo novo e vivo aparecia na literatura, Senkóvski recolhia as velas e logo esmaecia de todo.

Em torno de Senkóvski, havia um círculo de jovens literatos que ele arruinou, corrompendo seus gostos. Eles introduziram um estilo à primeira vista brilhante, mas, à segunda, falso. Na poesia de Petersburgo,

---

<sup>18</sup> Trata-se do poema “Guerói” [“Herói”], dedicado a Nicolau I por sua visita a Moscou na época da epidemia de cólera (1830) e também de “Borodínskaia godovschina” [“O aniversário de Borodinó”] e “Klevetnikám Rossíi” [“Aos difamadores da Rússia”]. (N. da E.)

<sup>19</sup> Trata-se de *Trechos escolhidos da correspondência com amigos*. (N. da E.)

ou, melhor ainda, da ilha Vassílievski (uma espécie de Quartier Latin, onde moram, principalmente, literatos e artistas *desconhecidos* nas outras partes da cidade), naquelas imagens históricas engendradas por Kúkolniks, Benedíktovs, Timofiêiev<sup>20</sup> etc., não havia nada vivo nem real. Flores desse tipo podiam nascer apenas ao pé do trono do imperador e sob o teto da Fortaleza de Pedro e Paulo.

Em Moscou, em lugar do proibido *Telegraf* [O Telégrafo], começou a circular a revista *Teleskop* [O Telescópio]; ela não teve a longevidade de seu antecessor, mas, em compensação, sua morte foi verdadeiramente gloriosa. Justamente nela saiu a famosa carta de *Tchaadáiev*.<sup>21</sup> Logo proibiram a revista, mandaram o censor para a reserva, degredaram o redator-chefe para Ust-Sisolsk.<sup>22</sup> A publicação dessa carta foi um dos acontecimentos mais significativos. Nela havia um chamado, um sinal de despertar; a carta quebrou o gelo do pós-14 de dezembro. Finalmente, chegava alguém com uma alma transbordante de mágoa; ele encontrou palavras duras para dizer, com fúnebre eloquência, com abafada tranquilidade, tudo o que, durante dez anos, havia se acumulado de amargura no coração do russo letrado. Essa carta era o testamento de alguém que renuncia a seus direitos não por amor a seus herdeiros, mas por repulsa; dura e friamente, o autor exige da Rússia a conta de todos os sofrimentos infligidos por ela a quem ousa sair da condição de rebanho. Ele quer saber o que compramos ao preço de nossa posição; ele analisa isso com uma transparência implacável, que leva ao desespero e, assim que termina essa vivisseção, afasta-se, horrorizado, amaldiçoando o próprio país no passado, no presente e no futuro. É verdade que essa voz sombria soou apenas depois, para dizer à Rússia que ela nunca havia vivido com humanidade, que ela representa “apenas uma lacuna na consciência humana, apenas um exemplo instrutivo para a Europa”.<sup>23</sup> Ele disse à Rússia

---

<sup>20</sup> Niéstor Vassílievitch Kúkolnik (1809-1868), Vladímir Grigóievitch Benedíktov (1807-1873) e Aleksei Vassílievitch Timofiêiev (1812-1883), autores menores, mas muito populares na Rússia na primeira metade do século XIX. (N. da T.)

<sup>21</sup> A “Carta filosófica” de Piotr Iákovlevitch Tchaadáiev (1794-1856) foi publicada em 1836. (N. da E.)

<sup>22</sup> O redator da *Teleskop* [O Telescópio] era Nikolai Ivánovitch Nadiéjdin (1804-1856) e o censor, Aleksei Vassílievitch Bóldirev (1780-1842). (N. da E.)

<sup>23</sup> Citação inexata da “Carta filosófica”. No texto de Tchaadáiev: “existíamos, e ainda agora existimos, para ensinar algum tipo de grande lição a descendentes distantes

que o passado dela foi inútil, o presente é vão e que ela não terá nenhum futuro.

Apesar de não concordarmos com Tchaadáiev, compreendemos muito bem por que caminho ele chegou a esse ponto de vista sombrio e desesperançado, ainda mais que, até agora, os fatos falam a favor dele e não contra. Nós acreditamos, mas a ele basta apontar o dedo; nós esperamos, mas a ele basta somente abrir o jornal a fim de demonstrar que tem razão. A conclusão a que chega Tchaadáiev não resiste a críticas, mas não está nisso a importância da carta; ela é importante graças ao lirismo de sua rigorosa indignação, que abala a alma e a mantém longamente sob forte impressão. Acusaram o autor de crueldade, mas esse é sem dúvida o seu maior mérito. Não há necessidade de nos poupar: nós esquecemos com demasiada rapidez a nossa posição, estamos acostumados demais a nos divertir dentro das paredes da prisão.

O artigo foi recebido com um clamor de mágoa e assombro; ele assustou, atingiu profundamente até aqueles que devotavam simpatia a Tchaadáiev, mas, apesar disso, expressou apenas aquilo que inquietava vagamente a alma de cada um de nós. Quem de nós não experimentou momentos em que, tomado de fúria, odiou esse país que a todos os impulsos nobres do ser humano responde só com martírios, que se apressa a nos acordar só para em seguida promover torturas? Quem de nós não quis se arrancar para sempre dessa prisão que ocupa a quarta parte do globo terrestre, desse império monstruoso, em que todo inspetor de polícia é um tsar e o tsar é um inspetor de polícia coroado? Quem de nós não se entregou a todo tipo de paixão para esquecer esse inferno congelado e frio, para se embriagar e espairecer ainda que por alguns minutos? Agora enxergamos tudo de outro modo, examinamos a história russa a partir de outro ponto de vista, mas não temos motivo nem para renegar esses minutos de desespero, nem para nos arrepender deles; pagamos um preço alto demais por eles, por isso não podemos esquecê-los; eram o nosso direito, o nosso protesto, e eles nos salvaram.

Tchaadáiev calou-se, mas não o deixaram em paz. Os aristocratas de Petersburgo, esses Benkendorfs, esses Kleinmikhels,<sup>24</sup> ofenderam-se

---

que a aprenderão; mas, por enquanto, não importa o que se fale, somos uma lacuna no campo intelectual". (N. da T.)

<sup>24</sup> Conde Piotr Kleinmikhel (1793-1869), general próximo a Nicolau I. (N. da T.)

em nome da Rússia. O importante alemão Vigel, pelo visto protestante, diretor do Departamento de Confissões Religiosas Estrangeiras, levantou-se contra os inimigos da ortodoxia russa.<sup>25</sup> O imperador mandou anunciar que Tchaadáiev estava sofrendo de um transtorno mental. Essa farsa desprezível arrebatou para o lado de Tchaadáiev até seus inimigos; sua influência em Moscou cresceu. A própria aristocracia baixou a cabeça diante desse pensador e cercou-o de respeito e atenção, apresentando assim uma contestação à brincadeira do imperador.

A carta de Tchaadáiev soou como um clarim de convocação; o sinal foi dado, e de todas as partes ouviram-se novas vozes; entraram em cena jovens combatentes, fato que dava testemunho do trabalho silencioso realizado no decorrer desses dez anos.

O 14 de dezembro provocou uma abrupta ruptura com o passado, e a literatura antecedente já não podia continuar como antes. No dia seguinte, ainda era possível surgir um jovem Venevítinov,<sup>26</sup> cheio dos sonhos e das ideias de 1825. O desespero, assim como a dor depois de um ferimento, não vem logo. Mas, mal conseguira balbuciar algumas nobres palavras, ele já definhava, como uma florzinha nova atingida pela respiração congelante do Báltico.

Venevítinov não era capaz de sobreviver na nova atmosfera russa. Seria preciso ter outra têmpera para respirar o ar daquela época sinistra, seria necessário ter se acostumado desde a infância com esse vento cortante e ininterrupto, familiarizar-se com dúvidas não solucionadas, com verdades angustiantes, com a própria fraqueza, com as ofensas de cada dia; seria preciso adquirir, desde o início da tenra infância, o hábito de ocultar tudo o que inquieta a alma e não só não perder nada do que se conservou dela, mas, ao contrário, deixar sazonar na fúria silenciosa tudo o que se conservou no coração. Seria preciso ser capaz de odiar por amor, de desprezar por humanidade; seria preciso dominar o orgulho ilimitado para, com grilhões nos pés e nas mãos, manter a cabeça bem erguida.

---

<sup>25</sup> Trata-se da denúncia de Fillip Fillípovitch Vigel (1786-1856) ao metropolita Serafim de Petersburgo a respeito da “Carta filosófica”. (N. da E.)

<sup>26</sup> Dmitri Vladímirovitch Venevítinov (1805-1827), poeta russo. Sua morte ocorreu poucos meses após ter passado três dias preso sob suspeita de colaboração com o movimento dezembrista. (N. da T.)

Cada canção de *Oniéguin* surgida após 1825 distinguia-se por uma grande profundidade. O plano inicial do poeta era desembaraçado e plácido; ele o havia traçado em outros tempos; naquela época, a sociedade que cercava o poeta gostava do riso irônico, mas benevolente e alegre. As principais canções de *Oniéguin* lembram-nos muito a comicidade picante mas cordial de Griboiêdov. Lágrima e riso se misturavam.

Dois poetas que temos em mente e que expressam a nova época da poesia russa são Liérmontov e Koltsov. Eram duas vozes potentes, que alcançavam extremos opostos.

Nada pode testemunhar com maior evidência a mudança ocorrida nas mentes a partir de 1825 do que a comparação entre Púchkin e Liérmontov: Púchkin, com frequência insatisfeito e pesaroso, ofendido e tomado de indignação, está, apesar disso, pronto a selar a paz. Ele quer a paz e não perde as esperanças nela; em seu coração, a corda das lembranças da época do imperador Alexandre não para de tocar. Já Liérmontov está tão conformado com o desespero e a hostilidade que, além de não ter procurado uma saída, nem mesmo via a possibilidade de luta ou entendimento. Liérmontov nunca conheceu a esperança, ele próprio não foi vítima, pois nunca se exigiu dele esse espírito de sacrifício. Ele não caminhou em direção ao carrasco, erguendo orgulhosamente a cabeça, como Piéstel<sup>27</sup> e Riliéiev,<sup>28</sup> porque não podia crer na atitude de vítima; ele se esquivou e morreu por nada.

O tiro de pistola que matou Púchkin despertou a alma de Liérmontov. Ele escreveu uma ode enérgica, em que, estigmatizando as intrigas vis que antecederam o duelo, intrigas tramadas por ministros-literatos e jornalistas-espiões, exclamava com indignação juvenil: “Vingança, soberano, vingança!”.<sup>29</sup> Por essa única inconsequência, o poeta pagou com o degredo para o Cáucaso. Isso aconteceu em 1837; em 1841, o corpo de Liérmontov desceu ao túmulo, no sopé das montanhas do Cáucaso.

---

<sup>27</sup> Pável Ivánovitch Piéstel (1793-1826), militar, participou da guerra de 1812 contra Napoleão. Um dos cinco chefes do levante dezembrista de 1825 condenados à morte, foi enforcado em julho de 1826. (N. da T.)

<sup>28</sup> Kondrati Fiódorovitch Riliéiev (1795-1826), poeta e ativista social. Assim como Piéstel, foi enforcado em julho de 1826. (N. da T.)

<sup>29</sup> Citação da tragédia do dramaturgo francês Jean de Rotrou (1609-1650); foi usada como epígrafe em uma série de manuscritos do poema de Mikhail Liérmontov “A morte do poeta”. (N. da E.)

*E o que tu disseste diante do fim  
Nenhum dos que ouviram lembram...  
... De tuas últimas palavras  
O significado profundo e amargo  
Perdeu-se...<sup>30</sup>*

Felizmente, para nós, o que Liérmontov escreveu em seus quatro últimos anos de vida não está perdido e pertence inteiramente à nossa geração. Todos éramos jovens demais para tomar parte no 14 de dezembro. Despertados por esse dia grandioso, vimos apenas as execuções e os banimentos. Obrigados a nos calar, contendo as lágrimas, aprendemos, trancados em nós mesmos, a amadurecer nossos pensamentos — e que pensamentos! Já não eram as ideias do liberalismo ilustrado, eram dúvidas, negações, pensamentos tomados de fúria. Conformado com esses sentimentos, Liérmontov não conseguiu encontrar salvação no lirismo, como encontrou Púchkin. Ele arrastava a pesada carga do ceticismo em todos os seus sonhos e deleites. O pensamento viril e pesaroso está permanentemente assentado em sua frente, transparece em todos os seus versos. Não é um pensamento abstrato, destinado a se adornar com as cores da poesia; não, as reflexões de Liérmontov são a sua poesia, o seu martírio, a sua força.<sup>31</sup> Ele tinha mais simpatia por Byron do que Púchkin. À infelicidade de ser transparente demais, uniu-se em Liérmontov ainda outra: ele falava corajosamente a respeito de tudo, sem clemência e sem disfarce. Os seres fracos atingidos por isso nunca perdoam semelhante sinceridade. Falavam de Liérmontov como um rebento mimado da família aristocrata, como um daqueles desocupados que morrem de tédio e

---

<sup>30</sup> Versos dedicados a Liérmontov pelo príncipe Aleksandr Ivánovitch Odóievski (1802-1839), um dos condenados no processo do 14 de dezembro, morto no Cáucaso como soldado. (N. da T.)

<sup>31</sup> Os poemas de Liérmontov foram magnificamente traduzidos para o alemão por Bodenstedt. Há uma tradução do romance *O herói de nosso tempo* para o francês, feita por Chopin. (N. do A.) [Jean-Marie Chopin (1796-1871) foi um explorador, escritor e tradutor de pais franceses, mas nascido na Rússia. Friedrich Bodenstedt (1819-1892), escritor e tradutor alemão, viveu na Rússia e na Geórgia e traduziu obras de Púchkin, Liérmontov e Turguêniev, entre outras. A obra de Liérmontov, na tradução de Bodenstedt, foi publicada em 1852. A tradução de Chopin é de 1853. (N. da T.)]

de fastio. Não queriam saber o quanto esse homem lutara e sofrera antes de se atrever a expressar suas ideias. As pessoas são muito mais indulgentes com xingamentos e ódios do que com a reconhecida maturidade de pensamento, do que com o afastamento que, sem querer compartilhar de suas esperanças nem de suas inquietações, ousa falar abertamente desse rompimento. Quando Liérmontov, condenado ao degredo pela segunda vez, partiu de Petersburgo para o Cáucaso, ele sentiu um forte cansaço e disse aos amigos que tentaria ir ao encontro da morte o mais rapidamente possível. E cumpriu a palavra.

Que monstruosidade é essa chamada Rússia, que precisa de tantas vítimas e que apresenta a seus filhos só uma triste escolha: naufragar moralmente em um meio hostil a toda a humanidade ou morrer no alvorecer da vida? É um sorvedouro sem fundo, onde se afogam os melhores frutos, onde grandiosíssimos esforços, grandiosíssimos talentos, grandiosíssimas habilidades desaparecem antes de conseguir fazer algo.

Mas será possível duvidar da existência de forças em estado embrionário quando das próprias profundezas da nação começou a ressoar uma força como a de Koltsov?

No decorrer de um século ou até de um século e meio, o povo cantou somente canções antigas ou obras monstruosas, fabricadas na primeira metade do reinado de Catarina II. É verdade que, no início de nosso século, surgiram algumas imitações bem felizes da canção popular, mas faltava verdade a essas criações artificiais; foram tentativas, extravagâncias. Justamente do seio mais profundo do interior da Rússia antiga, saíram as novas canções. Elas foram compostas com inspiração por um mercador de gado, que tocava seu rebanho pelas estepes. Koltsov era um verdadeiro filho do povo. Ele nasceu em Vorónej, frequentou a escola paroquial até os dez anos de idade e lá aprendeu apenas a ler e escrever, com erros de ortografia. O seu pai, comerciante de gado, obrigou o filho a se ocupar exatamente do mesmo negócio. Koltsov tocava o gado por centenas de verstas e, graças a isso, acostumou-se à vida nômade, que encontrou reflexo em suas melhores canções. O jovem mercador de gado gostava de livros e com frequência lia algum poeta russo, que então tomava como modelo; as tentativas de imitá-lo davam uma orientação enganosa a seu instinto poético. Finalmente, manifestou-se nele seu verdadeiro dom: ele compôs canções populares, poucas, mas cada uma delas é uma obra-prima. São verdadeiras canções do povo russo. Nelas, sentem-se a melancolia, que consiste em traço característico seu, a tristeza que

dilacera a alma, a vida exuberante (*a audácia intrépida*). Koltsov mostrou que, na alma do povo russo, oculta-se muita poesia; que, após longo e profundo sono, em seu peito restou algo vivo. Temos ainda outros poetas, artistas e homens de Estado saídos do povo, mas que saíram dele literalmente, romperam todo tipo de relação com ele. Lomonóssov era filho de um pescador do mar Branco. Fugiu da casa paterna para estudar, ingressou em um estabelecimento de ensino religioso, depois foi para a Alemanha, onde deixou de ser uma pessoa simples. Entre ele e a Rússia agrária não há nada em comum, a não ser aquela ligação existente entre pessoas da mesma raça. Já Koltsov permaneceu junto aos rebanhos e negócios de seu pai, que o odiava e, com outros parentes, tornava a sua vida tão difícil que ele morreu em 1842. Koltsov e Liérmontov entraram para a literatura e faleceram praticamente na mesma época. Depois deles, a poesia russa emudeceu.

Mas, no campo da prosa, a atividade se fortalecia e tomava outra direção.

Gógol, embora, ao contrário de Koltsov, não fosse originário do povo, pertencia a ele em termos de gostos e disposição do raciocínio. Gógol estava inteiramente livre da influência estrangeira; ele não conhecia nenhuma literatura quando se tornou famoso. Ele mais se solidarizava com a vida do povo do que com a corte, coisa natural para quem é da Pequena Rússia.<sup>32</sup>

O pequeno-russo, mesmo quando se torna cortesão, nunca rompe radicalmente com o povo, como faz o russo. Ele ama sua pátria, sua língua, as tradições dos cossacos e dos hétmans. A Ucrânia salvaguardou a sua liberdade, selvagem e guerreira, mas republicana e democrática, até a época de Pedro I. Os pequeno-russos, dilacerados por poloneses, turcos e *moskális*,<sup>33</sup> arrastados para uma guerra eterna com os tártaros da Crimeia, nunca depuseram as armas. Tendo se anexado voluntariamente à Grande Rússia,<sup>34</sup> a Pequena Rússia reservou-se direitos significativos. O

---

<sup>32</sup> Pequena Rússia ou Maloróssia era o nome dado à Ucrânia na Rússia Imperial. (N. da T.)

<sup>33</sup> Nos idiomas ucraniano, polonês e bielorrusso, *moskal* é um apelido depreciativo usado em relação aos russos. Sua origem remonta a manuscritos ucranianos do século XVII. Nos séculos XVIII e XIX, assim os habitantes da parte oriental da Bielorrússia e da Ucrânia chamavam os soldados e funcionários do Império Russo. (N. da T.)

<sup>34</sup> Grande Rússia ou Velikoróssia era o nome dado à Rússia. (N. da T.)

tsar Aleksei jurou observá-los. Pedro I, sob o pretexto da substituição de Mazepa,<sup>35</sup> conservou apenas uma tênue sombra desses privilégios. Elizaveta e Catarina introduziram lá a servidão. O infeliz país protestou, mas como poderia resistir diante da avalanche fatal que rolava do norte até o mar Negro, cobrindo tudo o que levava o nome russo com uma única savana de escravidão glacial? A Ucrânia teve o mesmo destino de Nóvgorod e Pskov, embora muito depois; mas um século de servidão não podia destruir tudo o que havia de independente e poético nesse povo glorioso. Lá se observa um desenvolvimento mais genuíno, lá há um colorido local mais forte do que no nosso país, onde toda a vida do povo, sem distinção, enfia-se numa farda patética. Entre nós, as pessoas nascem para inclinar a cabeça diante do destino injusto e morrem sem deixar vestígios, legando a seus filhos a sina de começar desde cedo essa mesma vida sem esperanças. O nosso povo não conhece a própria história, enquanto na Pequena Rússia cada aldeiazinha possui a sua lenda. O povo russo lembra-se apenas de Pugatchov<sup>36</sup> e do ano de 1812.

Os contos com os quais Gógol estreou apresentam-se como uma série de quadros autenticamente maravilhosos, que retratam os costumes e a natureza da Pequena Rússia — quadros repletos de alegria, de graça, de vivacidade e de amor. Contos semelhantes não são possíveis na Grande Rússia por falta de enredo e de heróis. Entre nós, as cenas populares logo adquirem um caráter sombrio e trágico, que oprime o leitor; eu digo “trágico” apenas no sentido de Laocoonte.<sup>37</sup> É o trágico do destino ao qual se cede sem resistência. Aqui a mágoa se transforma em fúria e desespero; o riso, em uma ironia amarga e repleta de ódio. Quem é que pode ler, sem estremecer de indignação e vergonha, a notável novela *Anton Goremika*<sup>38</sup> ou a obra-prima de Ivan Turguêniev *Memórias de um caçador*?

---

<sup>35</sup> Ivan Stepánovitch Mazepa (1639-1709), político russo. Por muito tempo, foi um dos correligionários do tsar Pedro I, mas em 1708 aliou-se ao rei da Suécia, Carlos II, adversário da Rússia na Guerra do Norte. (N. da T.)

<sup>36</sup> Iemelian Pugatchov (1742-1775), líder de uma rebelião camponesa ocorrida entre 1773 e 1775. (N. da T.)

<sup>37</sup> Caracterizando o grupo de esculturas antigas que retratam o sacerdote Laocoonte e seus dois filhos condenados à morte, Herzen parafraseia a definição de Hegel. Ver Hegel, *Estética em 4 volumes*, v. III. (N. da E.)

<sup>38</sup> Novela de Dmitri Vassílievitch Grigoróvitch (1822-1900). (N. da E.)

Com a mudança de Gógol da Pequena Rússia para a Rússia Central, desaparecem de suas obras as imagens simples e graciosas. Nelas já não há o herói semisselvagem, à semelhança de *Tarás Bulba*; não há um velho patriarcal bonachão, tão bem descrito em *Proprietários à moda antiga*.<sup>39</sup> Sob o céu de Moscou, tudo em sua alma torna-se sombrio, nebuloso, hostil. Ele continua a rir, e ri até mais do que antes, mas é outro riso; ele consegue enganar apenas pessoas com um coração muito empedernido ou os crédulos demais. Passando de seus pequeno-russos e cosacos aos russos, Gógol deixa o povo de lado e ocupa-se de dois de seus mais mortais inimigos: os funcionários públicos e os proprietários de terra. Nunca ninguém antes escrevera um tratado de anatomia do *funcionário público* russo tão completo. Rindo, ele penetra impiedosamente nos cantos mais recônditos dessa alma impura e pernicioso. A comédia de Gógol *O inspetor geral* e o seu romance *Almas mortas* são uma terrível confissão da Rússia contemporânea, tais quais as revelações de Kochíkhin<sup>40</sup> no século XVII.

Presente na estreia de *O inspetor geral*, o imperador Nicolau morreu de rir!!!

O poeta, desesperado por ter evocado apenas essa alegria augustíssima e o riso cheio de si de funcionários exatamente iguais àqueles retratados, porém gozando do grande auspício da censura, considerou dever seu esclarecer, em uma advertência, que a comédia não era apenas muito engraçada, mas também muito triste, que “por trás de seu riso, ocultavam-se lágrimas ardentes”.<sup>41</sup>

Depois de *O inspetor geral*, Gógol voltou sua atenção à nobreza proprietária e arrastou para o mundo de Deus essa tribo oculta, que se

---

<sup>39</sup> *Tarás Bulba*, *Proprietários à moda antiga* e alguns contos de Gógol foram traduzidos para o francês por Viardot. Há uma tradução alemã de *Almas mortas*. (N. do A.) Herzen refere-se à antologia de novelas de Nikolai Vassílievitch Gógol editada por Louis Viardot (Paris, 1845), mas, como se deduz de seu prefácio, as traduções foram feitas por “I. T.” (Ivan Turguêniev) e “S. N.” (desconhece-se a sua identidade). (N. da E.) [Louis Viardot (1800-1883), escritor, crítico e tradutor francês. (N. da T.)]

<sup>40</sup> Grigóri Kárpovitch Kochíkhin [Kotochíkhin], diplomata russo da época de Aleksei, pai de Pedro I; receando perseguições da parte do tsar, fugiu para a Suécia e foi assassinado em Estocolmo. (N. do A.)

<sup>41</sup> Há uma frase de sentido semelhante no capítulo 7 de *Almas mortas*. Sobre a origem da expressão “riso entre lágrimas”, ver V. Gippius, *Gógol*, Leningrado, 1924, p. 233, nota 106. (N. da E.)

mantém atrás dos bastidores, bem longe das estradas e das grandes cidades, que se enterra nas profundezas das aldeias — a Rússia dos nobrezinhos que, pelas caladas, enfiando-se de cabeça em seus negócios, escondem depravações mais profundas do que as do Ocidente. Graças a Gógol, podemos vê-los, finalmente, além do limiar de seus palacetes de fidalgo, de suas casas senhoriais; eles passam diante de nós sem máscaras, sem disfarces, bêbados e glutões, cativos subservientes do poder e tiranos impiedosos de seus escravos, bebendo a vida e o sangue do povo com a mesma naturalidade e simplicidade com que uma criança suga o peito da mãe.

As *Almas mortas* abalaram toda a Rússia.

Apresentar semelhante acusação à Rússia contemporânea era imprescindível. É a história de uma doença, descrita pela mão de um mestre. A poesia de Gógol é o grito de pavor e vergonha que o ser humano solta sob influência de uma vida desprezível, quando, de repente, vê no espelho o próprio rosto animalizado. Entretanto, para que esse grito possa irromper do peito, é preciso que nele tenha sobrado algo saudável, que nele permaneça viva a grande força do renascimento. Quem reconhece sinceramente as próprias fraquezas e falhas sente que elas não são a essência de sua natureza, sente que não foi completamente tragado por elas, que ainda há em si algo que não cedeu e que opõe-se à queda, que ainda pode espiar o passado e não apenas erguer a cabeça, mas, como na tragédia de Byron, transformar-se de um Sardanapalus-melindroso em um Sardanapalus-herói.<sup>42</sup>

Aqui mais uma vez nos deparamos, frente a frente, com uma questão importante: onde estão as provas de que o povo russo pode se reanimar e quais são as provas do contrário? Essa questão, como vimos, ocupou todos os intelectuais, mas nenhum deles encontrou a resposta.

Polevoi, o mais animado de todos, não acreditava em nada; caso contrário, teria ele caído tão cedo no desânimo, teria passado para o lado do inimigo logo no primeiro golpe do destino? A *Bibliotieka dliá Tchtiénia* [Biblioteca para a Leitura], num único salto, pulou esse problema, contornou a questão sem nem tentar resolvê-la. A solução de Tchaadáiev não é uma solução.

<sup>42</sup> Trata-se da tragédia *Sardanapalus*, de Lord Byron. (N. da E.)

A poesia, a prosa, a arte e a história mostraram-nos a formação e o desenvolvimento desse meio absurdo, desses caracteres ultrajantes, desse poder monstruoso, mas ninguém apontou uma saída. Seria preciso se adaptar, como fez Gógol posteriormente, ou correr ao encontro da própria morte, como Liérmontov? Não podemos nos adaptar; morrer é repulsivo; algo no fundo de nosso coração nos diz que ainda é cedo demais para desistir; parece que além das *almas mortas* ainda há almas vivas.

E mais uma vez levantam-se essas questões, ainda com maior insistência; tudo o que se esperava exigia uma solução a qualquer preço.

Depois de 1840, a atenção da sociedade foi atraída por duas correntes. Das discussões escolásticas, elas logo passaram à literatura; de lá, à sociedade.

Estamos falando do pan-eslavismo moscovita e do europeísmo russo.

A revolução de 1848 pôs fim à luta entre essas duas tendências. Então, aconteceu a última polêmica acalorada que envolveu o público; desse modo, ela adquiriu um significado especial. Por isso dedicamos a ela o próximo capítulo.

(1850)

*Tradução de Denise Sales*